

Podcasters negras e indígenas do Centro-Oeste e Norte do Brasil¹

Valquíria Guimarães da Silva²

Dione de Oliveira Moura³

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Universidade de Brasília – UnB

Resumo

Ao longo de mais de um século, o rádio se consolidou como uma importante mídia no Brasil, com homens e mulheres desempenhando papéis importantes em sua consolidação. No entanto, a atuação de mulheres, especialmente negras e indígenas, foi historicamente invisibilizada. Este estudo busca valorizar as iniciativas dessas mulheres nas regiões Centro-Oeste e Norte do país, que hoje utilizam o podcast como meio de expressão digital. Considerado uma evolução do rádio, o podcast permite compartilhar vivências atravessadas por raça, gênero e classe. A pesquisa foi dividida em duas etapas: levantamento de podcasts e entrevistas com as produtoras. Os resultados mostram o podcast como ferramenta acessível para ecoar essas vozes. Essas mulheres ocupam, com protagonismo, o espaço da mídia sonora contemporânea.

Palavra-chave: Podcast; Comunicação; Mulher Negra; Mulher Indígena; Interseccionalidade.

Introdução

A sociologia das profissões se enriquece ao incorporar marcadores identitários, como os étnico-raciais, em seus estudos. Novos coletivos jornalísticos e formatos como os podcasts têm ampliado as vozes no jornalismo desde os anos 2000 (Moura; Costa, 2018). Iniciativas como as Comissões de Jornalistas pela Igualdade Racial dos Sindicatos dos Jornalistas (COJIRAS), comunidades quilombolas e organizações indígenas são espaços importantes para a visibilidade de jornalistas negras e indígenas. Esses coletivos, de várias áreas profissionais, têm articulado pautas antirracistas e afro-indígenas.

A história oficial do Brasil ainda negligência o impacto da escravidão, sobretudo sobre as mulheres negras, que enfrentam múltiplas opressões, especialmente no mercado de trabalho. Quando fazemos o recorte de gênero e étnico-racial, é especialmente sobre as mulheres negras que recai “[...] toda uma série de arranjos sociais e estruturas de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Esta pesquisa foi realizada em equipe e contou com a colaboração de: Ana Clara Canuto, estudante de Jornalismo FAC/UnB. Participante do Edital PIBIC 2023/2024. Bolsista CNPq. E de Netally Vitória Souza Alves, estudante de Jornalismo da UFT. Aluna voluntária na pesquisa. Alguns resultados desta pesquisa já foram retratados em outros eventos, como o XVII Congresso da Alaic; o X Encontro Brasileiro de Educomunicação e 24º ENEJor.

² Doutora em Comunicação, professora Associada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: vguimaraes@uft.edu.br.

³ Doutora em Ciências da Informação, professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: dioneoliveiramoura@gmail.com.

opressão com raízes fincadas no período da escravidão” (Betti, 2021, p. 69). O apagamento também atinge o papel histórico das mulheres indígenas. Assim, o recorte étnico-racial e de gênero nos estudos de jornalismo, especialmente nas pesquisas sobre rádio e produção sonora, é fundamental para reconhecer essas mulheres como produtoras de conhecimento. Apesar da relevância feminina na popularização do rádio, elas foram historicamente invisibilizadas como locutoras e jornalistas, ao contrário das figuras celebradas como cantoras.

O rádio consolidou-se como a mídia mais popular, de maior abrangência geográfica e de público no Brasil e no mundo nos anos 40 e 50 (Zuculoto, 2018), com uma história marcada por inovações e transformações. No entanto, a participação feminina nesse processo permanece pouco reconhecida. A literatura sobre o rádio privilegia homens, técnicas e avanços tecnológicos, enquanto a presença das mulheres é, quando citada, relegada a papéis secundários. Apesar disso, as mulheres foram protagonistas ativas nessa história. Retomar essa narrativa sob uma perspectiva feminista é essencial para romper com a visão patriarcal dominante, e com a chegada dos podcasts, o protagonismo feminino na criação, assim como na produção e locução ganha nova força.

Embora tenha ganhado destaque nos últimos anos, o podcast foi criado em 2004 pelo ex-apresentador do canal americano MTV, Andy Curry para “explorar uma nova possibilidade de difusão” (Souza, 2023, p. 97). Apesar de não haver um consenso no meio da Comunicação sobre o conceito de podcast (Viana, 2020), ele pode ser entendido, dentre suas várias definições, como um arquivo de áudio digital que pode ser enviado por meio de computadores e armazenado em reprodutores de mídia. O termo surge da junção das palavras inglesas *Ipod*⁴ e *broadcast*⁵ (Souza, 2023).

O podcast consolidou-se como uma importante mídia digital no Brasil, alcançando cerca de 30 milhões de ouvintes semanais, segundo o DataReport 2023. Sua produção simples e de baixo custo favorece a diversidade de conteúdos e produtores (Carvalho, 2011). Apesar disso, a maioria dos podcasters ainda é composta por um perfil étnico-racial racial, de gênero e geopolítico pouco diverso: homens, heterossexuais e brancos, concentrados na região Sudeste (ABPOD - PodPesquisa 2020-2021).

⁴ Dispositivo de reprodução de mídia portátil criado pela empresa americana de tecnologia, Apple.

⁵ Método de transmitir informações simultaneamente para receptores.

Mesmo diante dessa desigualdade, grupos historicamente minorizados, como mulheres negras e indígenas, têm ocupado esse espaço como forma de resistência às opressões raciais e de gênero (Silva, 2023). Nosso estudo, como exporemos a seguir, confirma outras pesquisas que apontam que há podcasts que funcionam como plataformas de expressão, permitindo que compartilhem experiências atravessadas por múltiplas interseccionalidades (Cavalcante, 2023). O conceito de interseccionalidade, originado nos movimentos feministas negros nas décadas de 1960 e 1970, ajuda a entender como fatores como raça, gênero e classe impactam essas produções (Moura; Almeida, 2019). A baixa visibilidade das mulheres na podosfera reflete um padrão já presente nos meios de comunicação tradicionais (Costa; Silva, 2023).

Em nossa pesquisa, concluímos que as podcasters negras e indígenas constroem um espaço de liberdade para criarem um espaço onde suas vozes são ouvidas e levadas em consideração, não só por seus pares, mas também por aqueles que se dispuserem a ouvir. Assim, podcasters mulheres negras e indígenas agregam suas experiências, atravessadas por múltiplas interseccionalidades, a um mundo que insistiu em silenciá-las durante séculos.

Materiais e métodos da pesquisa

Com uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas, para melhor compreender a realidade estudada, realizamos um amplo levantamento entre setembro de 2023 e maio de 2024 em plataformas de áudio como Spotify, Deezer, Apple Podcast, Amazon Music e, também, por meio das redes sociais Instagram e X, e ainda por meio do mapeamento da mídia negra no Brasil. Através de palavras-chaves (mulher negra; mulher indígena; Centro-Oeste; Norte) introduzidas nas plataformas buscamos os podcasts realizados por mulheres negras e indígenas. Ao identificarmos o podcast fizemos contato e também pedimos indicação de outros podcasts que eram realizados por mulheres negras e indígenas, assim identificamos um total de 60 podcasts produzidos por mulheres, que se encaixavam nesse perfil étnico-racial e profissional (mulheres negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte). Dos 60 podcasts que identificamos no levantamento, 29 estavam localizados em estados da região Centro-Oeste e 31 em estados da região Norte.

Utilizamos questionários para coletar dados e realizamos entrevistas semiestruturadas, “um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de

pesquisa” (Duarte, 2005, p.66), com 23 mulheres que se disponibilizaram, durante os meses de maio a agosto de 2024, com o objetivo de compreender a trajetória e o contexto por trás da criação e produção dos podcasts.

O formulário que desenvolvemos foi enviado para as mulheres negras e indígenas produtoras de quase todos os podcasts identificados, exceto os que não divulgaram meio de contato. Ao todo, foram enviados 45 formulários, no qual 31 foram respondidos e 14 ficaram sem resposta. Não foi possível enviar o formulário para 15 podcasts identificados, tanto da região Centro-Oeste quanto do Norte, devido a dificuldades de contato com quem os produziu.

Após a identificação, elaboramos um roteiro com 9 perguntas relacionadas à origem, ao processo de produção dos podcasts, questões relacionadas a interseccionalidade e demos início às entrevistas semiestruturadas conforme as mulheres iam se disponibilizando a realizá-las por meio do formulário, onde tinha um espaço para indicar a disponibilidade ou não para a entrevista e colocar um número de celular para contato. As entrevistas foram realizadas com 23 mulheres por meio da plataforma Google Meet, com duração média de 50 minutos cada. Desse total, 9 mulheres (4 negras, 1 indígena e 4 brancas⁶) eram de estados da região Norte e 14 (13 negras e 1 indígena) eram de estados da região Centro-Oeste. No quesito étnico-racial, 17 mulheres se autodeclararam como mulheres negras (pretas e pardas), 2 se autodeclararam mulheres indígenas e 4 se autodeclararam como mulheres brancas. Tantos os questionários como as entrevistas foram cuidadosamente analisados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, para melhor compreensão das reflexões das mulheres participantes.

O podcast como ferramenta de visibilidade

Do total de podcasts, 51,67% são do Norte e 48,33% do Centro-Oeste. O formulário foi enviado para 75% dos podcasts mapeados. Desses tivemos a resposta de 68,88%, e dessas respostas 74,2% aceitaram conceder a entrevista, demonstrando um alto índice de adesão, principalmente da região Centro-Oeste.

⁶ A presença de mulheres brancas deve-se ao fato de alguns podcasts serem realizados por coletivos mistos, tendo também a presença de homens. E quem respondeu ao questionário sobre o podcast e também a entrevista foi a mulher que se autodeclarou como branca.

Das respostas que tivemos, 58% das participantes são da Região Centro-Oeste e 42% da região Norte. O Distrito Federal foi a localidade com maior número de podcasters, com 22,6%, seguido do Pará e Tocantins, ambos com 16,1%. As participantes são jovens, com a maior porcentagem para a faixa etária de 25 a 29 anos, com 35,5%. E ao somarmos as faixas etárias de 20 até 29 anos, temos 48,4%. A faixa etária com menor número de participantes foi dos 50 a 54 anos, com apenas 3,2%. A maioria dos podcasts ainda está ativo, 65,5%. Embora algumas entrevistadas tenham dito que marcaram que está ativo porque pretendem continuar a produção de novos episódios, mas que no momento não estão desenvolvendo, tanto que das 23 entrevistadas, 39,1% não estavam com produções de episódios em 2024.

As principais dificuldades relatadas pelas entrevistadas para manter a produção dos podcasts são a falta de recursos financeiros e de tempo. Cerca de 69,6% produzem com recursos próprios, conciliando com outras atividades profissionais. Nenhuma vive exclusivamente do podcast e poucas tiveram acesso a editais de fomento ou apoio institucional. Muitas contam apenas com ajuda de amigos ou utilizam equipamentos simples, como o próprio celular, em produções caseiras e independentes, geralmente com equipes reduzidas ou trabalho individual. Outro obstáculo apontado por elas à monetização é o conteúdo abordado: “temas sociais, raciais e de gênero costumam ser vistos por empresas como pouco rentáveis ou polêmicos” (Adriã Boréa, Entrevista 05/08/2024, podcast Kunhantã). As entrevistadas apontam a necessidade de mais editais e apoios institucionais, como as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, mencionadas por Érika Morhy e Danielle Pavan, que reforçam a importância de incentivo público para garantir a continuidade dessas produções.

Eu quero reforçar a importância do apoio institucional. Às vezes, as resoluções, elas são muito amarradas a um formato de projeto, sabe, projetos que não contemplam o audiovisual, eu acho que o audiovisual, ele tem uma posição um pouco marginal dentro das Universidades, por exemplo. Eu acho que as Universidades e os Institutos ainda não se deram conta da importância que é essas linguagens, né, na comunicação com a sociedade, né? E com os estudantes de maneira interna. Eu acho que as humanidades, a comunicação, ela precisa ter uma atenção maior, sair da posição marginal que é colocada muitas vezes, né? Às vezes as engenharias, elas recebem muito mais atenção institucional, e são lugares ocupados por homens brancos geralmente, né? Então, eu acho que é isso, sabe? E as instituições, elas precisam estimular um pouco mais, eu falo, eu tô falando de onde eu parto, né? Estimular um pouco mais essas novas formas de diálogo, acho que é isso. Estar atento, valorizar e estimula. Valorizar mais esse campo de estudo, a comunicação como campo de estudo, como campo de diálogo com a sociedade (Danielle Pavan. Entrevista 01/05/2024, podcast Leia Mais Mulheres).

Eu vejo com muitos bons olhos essa possibilidade, os programas sociais, os programas de inclusão porque eles permitem que as mulheres, que estão sempre correndo atrás do prejuízo, consigam disputar espaço, por exemplo, de financiamento. Então, a Lei Aldir Blanc, no nosso caso, tinha uma cota para mulheres e tinha uma cota para o interior, por região. Isso com toda certeza me ajudou a ser selecionada, por mais que a minha pontuação fosse incrível. Tradicionalmente, aqui no Pará, vemos que são sempre os mesmos artistas beneficiados, até porque são eles que dominam a linguagem de elaboração de projetos e conseguem transitar nos espaços de poder e barganhar oportunidades. Então, ainda são necessários esses recursos, que o poder público tem oferecido para alcançar pessoas que historicamente estão mais excluídas do processo. A maioria das oportunidades que vejo para as mulheres é porque ou uma organização internacional está oferecendo vagas prioritariamente para mulheres, ou porque a lei de incentivo tem cota para mulheres, tem conta para negras, tem cota para indígenas. Então, é preciso que o poder público ofereça esses recursos (Érika Morhy. Entrevista 01/07/2024, podcast Mulheres do Mar).

A formação acadêmica de 45,2% das podcasters é em Jornalismo. Mas 48,4% se identificaram em termos profissionais como Comunicadora. Sobre a forma de ingresso na universidade, a maioria informou que não foi pelo sistema de cotas, 58,1%. A maioria das podcasters se identificou como comunicadora negra (preta ou parda), 67,7%. Também tivemos 6,5% que se identificou como comunicadora negra quilombola (preta ou parda), e ainda 3,2% como jornalista negra amazônica, totalizando 77,4% de mulheres negras. Apenas 9,7% se identificaram como comunicadora indígena. E ainda 12,9% de mulheres brancas.

Com relação às nossas 23 entrevistadas, também tivemos a maioria como comunicadora negra (preta ou parda), 69,6%. Também tivemos 4,3% que se identificou como comunicadora negra quilombola (preta ou parda). Apenas 8,7% se identificaram como comunicadora indígena e 17,4% das nossas entrevistadas se identificaram como brancas. Sobre o perfil profissional delas temos: 56,5% de comunicadoras, 26,1% de jornalistas profissionais, 8,7% de jornalistas profissionais e podcasters, 4,3% de assistentes de maquinaria e 4,3% de professoras.

Este resultado aponta a utilização do podcast como um espaço acessível e campo de fala dessas mulheres. Demonstra uma oportunidade de discussão da pauta de gênero, da pauta racial e suas intersecções. Entendemos como Aline Hack (2023, pp.10/11) “[...] que o podcast é um lugar político e emancipatório, no qual podemos falar livremente daquilo que acreditamos. [...] para transformar realidades a partir de uma mídia que acolhe tantas pessoas por meio dos fones de ouvido”. E ainda compreendemos como bem pontua Rafaela Souza (2023, p.85):

Essa participação constitui um processo de representatividade [...]. Essa organização leva ao reconhecimento do indivíduo dos papéis e atuações que ele executa dentro das contradições da lógica do capital. São momentos de ‘desalienação’. Ele não necessariamente despertará consciência de classe, mas se deparará com uma perspectiva cidadã.

Essas considerações de Souza (2023) foram bem percebidas nas falas de Yanna Calisto, do podcast Preta Pop, e de Adriã Boréa, do podcast Kunhantã, ao relatarem, durante as entrevistas, seus processos de reconhecimento.

Quando eu era pequena, eu não me via como uma menina preta assim, só que é muito doido, porque ao mesmo tempo que eu era diferente das minhas amigas, eu sabia que eu era diferente, eu era tratada diferente, eu não sabia o porquê. Minha mãe é branca. Então, eu não tinha tanta essa percepção sobre a minha raça, sobre a minha cor e tudo mais. Quando eu fiz 18 anos que eu saí da escola é que fui entender que eu era uma mulher preta. Acho que a minha trajetória foi diferente de muitas meninas pretas e mulheres pretas que eu convivo hoje em dia, que tem famílias que moram em lugares que tem mais pessoas pretas, que estudaram em lugares que tem mais pessoas pretas. Aí é sobre isso, sabe? Conhecer as pessoas e falar eu sou muito parecida com elas, essas pessoas me representam e eu as represento. Então, eu acho que o podcast é trazer essa voz, não só delas, artistas pretas e esses artistas pretos também, mas como a minha voz que foi calada durante muito tempo, porque nem eu mesma sabia que era preta. (Yanna Calisto. Entrevista 13/05/2024, podcast Preta Pop).

Kunhantã é uma palavra tupi-guarani, que significa mulher forte, mulher resistente, então, por isso trazer essa palavra. O Kunhantã, ele traz entrevistas com mulheres indígenas que residem em Roraima, ele surgiu de um ímpeto meu de não ser vista, nem ouvida, nem lida dentro da universidade, dentro do curso de Comunicação, eu me sentia não representada. Então, a partir de uma disciplina chamada jornalismo comunitário, uma professora, ela sugeriu que cada aluno criasse uma mídia que tivesse esse viés de comunicação comunitária, de comunicação popular. E daí eu estava num processo de entendimento meu, de quem eu sou. Eu sou uma mulher, mas eu sou uma mulher indígena. Como é que eu me olho no espelho e como que outras mulheres como eu também se olham no espelho? Então, foi nesse movimento de ampliar vozes, de criar um coletivo de vozes para me entender também como mulher indígena, e foi aí que eu tive a ideia de criar o podcast Kunhantã: narrativas de mulheres indígenas. (Adriã Boréa. Entrevista 05/08/2024, podcast Kunhantã).

Dos 60 podcasts mapeados por nossa pesquisa, 36 (o que corresponde a 60%) são voltados para questões de formação cidadã, educação, étnico-racial etc, logo para uma perspectiva libertadora, desde a visão paulofreiriana (Freire, 1981). E mesmo os que não são específicos no seu conceito como voltados para essa educação cidadã, nas entrevistas percebemos que há essa preocupação das podcasters em usar o espaço, como um lugar de fala, trazer para a cena as discussões que muitas vezes não são pautadas pela mídia tradicional.

Dos podcasts analisados na pesquisa, 25% são dedicados exclusivamente a discussões étnico-raciais e de gênero. Dentre eles, destacamos o *Depois da Roda* (DF), que dá voz a pautas como negritude, branquitude, educação, capacitismo e temas sociais. O *Negritudes* (GO) aborda o cotidiano da população negra, focando no enfrentamento ao racismo estrutural, especialmente nas áreas de tecnologia e comunicação. No Tocantins, o *Papo de Pretas* discute o papel da mulher na sociedade e suas conquistas sob a ótica dos Direitos Humanos. Já o *Kunhantã* (RR) traz relatos de mulheres indígenas, abordando suas lutas, experiências e trajetórias de superação.

Os podcasts demonstram grande potencial para integração em processos educacionais, envolvendo grupos, coletivos, iniciativas comunitárias e de educação popular (Freire, 1992). Alinhados à pedagogia libertadora de Paulo Freire (1981), esses conteúdos valorizam a experiência individual, promovem a apropriação do conhecimento e incentivam a transformação social. Como destaca Silva (2004), a educação deve partir da realidade vivida pelos sujeitos. Muitos dos podcasts analisados já atuam com essa perspectiva, contribuindo para a alfabetização midiática e o letramento crítico (Freire; Guimarães, 2022).

Considerações finais

Observamos que tivemos mais acesso às mulheres negras produtoras de podcast (58%) dos estados da região Centro-Oeste em comparação com a região Norte (42%), que por problemas de contato com as mulheres produtoras de podcast da região, não foi possível ter os mesmos dados quantitativos nem por meio do questionário, nem através das entrevistas. O perfil encontrado é de mulheres majoritariamente negras (77,4%), entre os 20 e 39 anos de idade, graduadas em Jornalismo (45,2%), mas que, de maneira geral, se entendem como comunicadoras (48,4%) e que não entraram em instituições de ensino superior por meio de cotas (58,1%).

Hack (2023, p.205) afirma que “no podcast é possível encontrar elementos importantes como a ideologia, a cultura e suas expressões culturais, estruturas sociais, produções de sentidos e significados a respeito dos movimentos sociais feministas e o combate e percepção das lógicas hegemônicas”. Dentro da nossa análise, foi totalmente percebido esses elementos na construção e perfil dos podcasts e das podcasters que compuseram a nossa amostra nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Foi possível perceber como o podcast possibilita a construção de um espaço seguro para mulheres

negras e indígenas compartilhem suas vivências e fortalecerem o empoderamento de outras mulheres ao colocarem suas vozes “no mundo e serem sujeitas de suas próprias narrativas” (Cavalcante, 2023, p.159).

O podcast aparece, então, como um espaço livre para que elas mesmas decidam sobre as temáticas e os assuntos que irão abordar e como uma ferramenta para trazer visibilidade, assim como um local de escuta, para suas vozes e questões relacionadas às suas vivências. Os resultados, por fim, ecoam a perspectiva proposta, há uma década, por Moura, Figueiredo e Nunes (2014) de que as mídias sociais poderiam ser plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo, o que abriria espaço para a produção de pessoas negras e indígenas em tais espaços. Os resultados do exame detalhado da produção de mulheres podcasters negras e indígenas em duas regiões brasileiras confirma que tal perspectiva se concretizou, pois as podcasters trazem, tanto na produção dos podcasts (desde a definição do nome até da temática do podcast), quanto na resposta ao questionário de perfil que aplicamos quanto nos depoimentos, nas entrevistas, que realizamos, um posicionamento muito dirigido a utilizar as plataformas digitais, no caso o podcast, para exatamente dar visibilidade a pautas de mulheres negras e indígenas e, assim, reduzir o esquecimento coletivo de ambos grupos sociais.

Referências

ABPOD, Associação Brasileira de Podcasts. PodPesquisa, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 17 out. 2024.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Florianópolis – SC, 2021. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 292p.

CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet**. 2011.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. A humanização de mulheres negras na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.

COSTA, Cláudia; SILVA, Eliana Coelho da. Ativismo digital feminista e interseccionalidade. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.

DATA, Reportal. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-deep-dive-online-audio-captures-more-of-our-attention>. Acesso em: 16 out. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2005.

-
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia** - Novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2022.
- HACK, Aline. Apresentação. In HACK, Aline (Org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo, Blimunda, 2023.
- HACK, Aline. Olhares podcast: fenômeno cultural, narrativas e identidades feministas. In HACK, Aline (Org). **Feminismos e podcasts**. São Paulo, Blimunda, 2023.
- MOURA, Dione O. COSTA, Halana. Moreira Ramos. Mulheres jornalistas e o 'teto de vidro raça/gênero/classe' a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Mônica. (org.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 193-207.
- MOURA, Dione Oliveira; ALMEIDA, Tânia Mara. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. **Revista Arquivos do CDM**, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019.
- MOURA, Dione O.; FIGUEIREDO, Verônica de S. ; NUNES, J. C. . Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira; GERALDES, Elen Cristina; PEREIRA, Fábio Henrique; OLIVEIRA, Madalena; ADGHIRNI, Zélia Leal. (Org.). **Jornalismo e Literatura: Aventuras da memória**. 2ed. Brasília: Centro de Estudos Com. e Sociedade da Universidade do Minho/UnB, 2014, v. 1, p. 187-204. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/190 Acesso em: 12 mar 2025
- SILVA, Valquíria Guimarães da. **Pedagogia da Submissão nas Relações de Gênero**: um olhar sobre sexualidade, corpo e saúde entre mulheres de uma comunidade do município de Cabedelo-PB. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2004.
- SILVA, Alice dos Santos. Mulheres Podcasters, a articulação ciberfeminista na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.
- SOUZA, Rafaela Martins de. O podcast como ferramenta possível para uma comunicação feminista. In: HACK, Aline (Org). **Feminismos e Podcasts**. São Paulo. Blimunda, 2023.
- VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo: Brazilian Journal of Communication**, v. 39, n. 3, 2020.
- ZUCULOTO, Valci. Prefácio 1. In PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia (Orgs). **Migração do rádio AM para o FM**: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Insular, 2018.